

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

RAFAELA APARECIDA MARTINS DE OLIVEIRA

O “BURACO” DA PANDEMIA:
IMPACTOS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DA UFSCAR *CAMPUS* SOROCABA-SP

SOROCABA

2025

RAFAELA APARECIDA MARTINS DE OLIVEIRA

**O “BURACO” DA PANDEMIA: IMPACTOS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DA
UFSCAR *CAMPUS* SOROCABA-SP**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Ciências Humanas e Educação da
Universidade Federal de São Carlos,
para obtenção de título de licenciatura
em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Vanda Aparecida
da Silva

Sorocaba

2025

Oliveira, Rafaela Aparecida Martins de

O "buraco" da pandemia: impactos no movimento
estudantil da UFSCar campus Sorocaba-SP / Rafaela
Aparecida Martins de Oliveira -- 2025.
39f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Vanda Aparecida da Silva
Banca Examinadora: Flávia Ginzel, Giovanna Henrique
Marcelino
Bibliografia

1. Movimento estudantil universitário. I. Oliveira,
Rafaela Aparecida Martins de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB/R
Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780
Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 44/2025/CCPedL-So/CCHB/R

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAFAELA APARECIDA MARTINS DE OLIVEIRA

O "BURACO" DA PANDEMIA: IMPACTOS NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DA UFSCAR, CAMPUS SOROCABA - SP

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba

Sorocaba, 11 de dezembro de 2025

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof.ª Dr.ª Vanda Aparecida da Silva
Membro da Banca 1	Prof.ª Dr.ª Flávia Ginzel
Membro da Banca 2	Prof.ª Dr.ª Giovanna Henrique Marcelino



Documento assinado eletronicamente por **Vanda Aparecida da Silva, Professor(a) Efetivo(a)**, em 11/12/2025, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **2085197** e o código CRC **5E024D59**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.038769/2025-03

SEI nº 2085197

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

Prof.ª Dr.ª Flávia Ginzel

Assinado por:
Prof.ª Dr.ª Giovanna Henrique Marcelino
E44A43F70DA43E...

Prof.ª Dr.ª Giovanna Henrique Marcelino

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que ajudaram a construir o movimento estudantil que me formou e àqueles que ainda constroem e seguirão construindo este espaço de trocas.

AGRADECIMENTOS

O Trabalho de Conclusão de Curso representa o fim de um ciclo, que para mim é, de certa forma, o ciclo escolar. Depois deste fechamento, não serei mais aluna (pelo menos, não oficialmente). Jamais serei capaz de agradecer a todos que contribuíram para a minha trajetória, esta é uma tentativa simbólica, e neste texto cabem muitos.

Começo agradecendo a minha família, pais, Rosa e Roberto, irmãos, Renata, Roberta e Rodrigo e cunhados Tiago e Jéssica, por me cuidarem e me darem o suporte que precisei para chegar até aqui. Nunca me faltou nada e sei que vocês são os responsáveis por isso.

Como parte de minha família, também agradeço a pessoa que me acompanha e quem eu escolho amar nesta jornada-vida, Saballero, obrigada pelo apoio e pelo carinho, foi fundamental a sua presença nesta reta final.

Agradeço também aos amigos – não farei uma lista, porque, com certeza, seria insuficiente – pelas trocas, risadas e ensinamentos, por constituírem boa parte de quem sou.

Agradeço a prof^a dr^a Vanda Aparecida da Silva, pela acolhida, pela paciência, pelos conselhos e pelo olhar carinhoso que sempre teve.

Especialmente, agradeço a todas as educadoras e educadores que passaram por mim. Sou eternamente grata pelos exemplos que recebi, e me sinto preparada para usá-los com discernimento.

Por fim, sou grata à escola e à Universidade públicas, pela formação, pelos questionamentos, pelas respostas e pelas revoltas. Sem essa bagagem eu jamais estaria aqui.

RESUMO

Este trabalho busca compreender os impactos da pandemia do COVID-19 para a atuação do movimento estudantil no *campus* Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos. O texto contextualiza o papel histórico e formativo do movimento estudantil e compara o cenário pré-pandemia, ilustrado pela ocupação do *campus* em 2018, às transformações ocorridas durante e após o período de isolamento. O resgate dos momentos da ocupação demonstra as formas de atuação e o nível de participação e engajamento dos estudantes no movimento antes do isolamento social. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa, por meio de questionários aplicados a estudantes de diferentes anos de ingresso, a fim de identificar percepções sobre a atuação do movimento estudantil na UFSCar Sorocaba nos dias atuais. Os resultados mostram uma significativa quebra de continuidade do movimento, evidenciada pela diminuição do senso coletivo e pela ausência dos processos de construção de conhecimento político entre veteranos e novos estudantes. A reflexão gerada é a de que a pandemia produziu um “buraco” na trajetória do movimento estudantil, afetando sua dimensão organizativa e formativa e reforçando a necessidade de reconstrução dos laços coletivos que sustentam a vida política universitária.

Palavras-chave: movimento estudantil universitário; UFSCar Sorocaba; pandemia; organização coletiva.

RESUMEN

Este trabajo busca comprender los impactos de la pandemia de COVID-19 en la actuación del movimiento estudiantil en el campus Sorocaba de la Universidad Federal de São Carlos. El texto contextualiza el papel histórico y formativo del movimiento estudiantil y compara el escenario previo a la pandemia, ilustrado por la ocupación del campus en 2018, con las transformaciones ocurridas durante y después del período de aislamiento. El rescate de los momentos de la ocupación demuestra las formas de actuación y el nivel de participación y compromiso de los estudiantes en el movimiento antes del distanciamiento social. La investigación utiliza un enfoque cualitativo, por medio de cuestionarios aplicados a estudiantes de distintos años de ingreso, con el fin de identificar percepciones sobre la actuación del movimiento estudiantil en la UFSCar Sorocaba en la actualidad. Los resultados muestran una ruptura significativa en la continuidad del movimiento, evidenciada por la disminución del sentido colectivo y por la ausencia de procesos de construcción de conocimiento político entre veteranos y nuevos estudiantes. La reflexión generada es que la pandemia produjo un “vacío” en la trayectoria del movimiento estudiantil, afectando su dimensión organizativa y formativa y reforzando la necesidad de reconstruir los lazos colectivos que sustentan la vida política universitaria.

Palabras-clave: movimiento estudiantil universitario; UFSCar Sorocaba; pandemia; organización colectiva.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO E METODOLOGIA	08
2	O CAMPO DE ESTUDO E AS PRÁTICAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL	14
2.1	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.2	SUJEITOS, PECULIARIDADES E ATUAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL	15
3	O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UFSCAR SOROCABA	19
3.1	UMA TENTATIVA DE RESGATE: A OCUPAÇÃO DE 2018	19
3.2	A UFSCAR HOJE: O QUE OS ESTUDANTES PENSAM?	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A - Questionário	37

1 INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

O trabalho apresentado aqui é fruto de uma trajetória estudantil marcada não somente por conteúdos dados em sala de aula e procedimentos escolares, mas também atravessada por momentos de ação coletiva e política. O movimento estudantil, assim como outras frentes dos movimentos sociais, educa e a importância deste potencial formativo na vida dos sujeitos é o motor para a existência desta pesquisa.

Os estudos no campo dos movimentos sociais (MS) possuem uma significável trajetória, que se constrói desde o fim do século XIX e início do século XX, com as Teorias Clássicas. Estas teorias tinham como premissa a ação social coletiva e enxergavam estas ações dos movimentos sociais como anomalia ou distúrbio social, fator de disrupção da ordem. Na busca de melhor compreensão do fenômeno, classificações como movimentos religiosos/seculares, reformistas/revolucionários, violentos/pacíficos são utilizadas desde o início dos estudos na área até a atualidade.

No campo de estudos dos MS, três correntes teóricas norteiam a produção de conhecimento: a histórico-estrutural, a culturalista-identitária e a institucional/organizacional-comportamentalista. A primeira, bebe de fontes da teoria Marxista e usa dos conceitos de classe e proletariado desenvolvidos por Marx para investigar a categoria dos operários e camponeses e seus movimentos. Esta primeira corrente sofreu críticas pois se apontava que o olhar somente para o fator classe não dá conta das complexidades que atravessam a sociedade, que envolvem relações de gênero, raça/cor, etnia, etc. Até os anos 50, o foco dos estudos em movimentos sociais foi o movimento dos trabalhadores. Nessa linha, a segunda corrente teórica, nomeada de culturalista-identitária, coloca em evidência os ‘novos movimentos sociais’ e seus sujeitos (mulheres, jovens, negros, etc.) e propõe como objetivo a construção identitária destes sujeitos, criticando o enfoque isolado na classe social como conceito econômico, mas não deixando de lado o diálogo com a teoria marxista. Apenas nos anos 1970 estas outras pautas dos Movimentos começam a receber atenção nos campos da pesquisa. Com influências da teoria liberal, a terceira corrente teórica citada tem como hipótese a de que, para obter sucesso enquanto movimentos sociais, a institucionalização seria o caminho ideal (Gohn, 2008). Como forma de tornar mais claro o debate, a definição encarada neste trabalho é a dos movimentos sociais enquanto “[...] ações sociais coletivas de caráter socio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas” (Gohn, 2011, p. 335).

O avanço da globalização e a crise da modernidade colocam em questionamento o saber científico formal como o único saber válido, a partir daí se dá mais visibilidade a saberes outros, como o ponto de vista da experiência. Inicia-se um debate sobre colonialidade, relações de poder entre o Norte e o Sul global e hegemonia. Estas ‘Novas Teorias’ dão origem a movimentos anti ou alterglobalização e visibilidade a movimentos de imigrantes, por exemplo. Enxerga-se o debate sobre Movimento Social para além de disrupção da ordem ou distúrbio social, e sim como possuidor de um papel educativo na sociedade (Gohn, 2008; Souza, 2019).

Dito isso, o olhar empregado aqui para o tema em questão é voltado para seu caráter educativo. Karina Perin Ferrano (2011), ao discorrer sobre a ação educativa exercida pela participação em MS, explica que esta ação se dá pela assimilação de uma consciência política e do uso de mecanismos de controle social para a libertação, pela experiência gerada pela prática política e pela exploração mais crítica das dimensões de espaço-tempo, que proporciona uma perspectiva outra sobre as relações entre as escalas macro e micro da realidade. Mais além, os movimentos sociais são também uma forma que a sociedade possui de agir sobre a garantia de direitos:

Os movimentos sociais são a evidência mais palpável de que os direitos não estão sendo respeitados. Eles surgem para resgatar o roubado e são sustentados pela ideia de participação nas decisões e de conquista da cidadania, fragilizada pelo capitalismo e pela falta de democracia participativa. Esse sistema político é apoiado nos discursos governamentais e na legislação brasileira, mas pouco vivenciado em sociedades de classes, como a do Brasil. (Souza, 2019, p. 107)

Ainda falando sobre o caráter educativo dos movimentos sociais, mas transitando para a área mais específica do movimento estudantil (ME), também se destaca a dimensão da participação política direta e democrática que a vivência no ME proporciona. Em entrevista com professora, realizada na pesquisa de Souza, ao contar sobre a ocupação das escolas da rede estadual de ensino paulista, se observa claramente o caráter formativo aqui indicado, na fala: “a própria experiência da ocupação foi formativa, foi uma escola política para os estudantes daquela unidade e de outras que participamos” (Souza, 2019, p.123). Formação esta que é cidadã, e que ao mesmo tempo que necessita da escola para a construção de sua base, muitas vezes não é oferecida por ela em seus moldes formais.

O movimento estudantil, enquanto segmento dos Movimentos Sociais que reivindica direitos de estudantes e é protagonizado pelos estudantes, tem como berço de seu nascimento a Universidade. Desde a Idade Média, movimentos liderados por estudantes já existiam, em busca de mais participação e autonomia universitária. Na América Latina, desde o início do século XX são feitos esforços nos sentidos dos interesses dos estudantes, com lutas pela Reforma Universitária, como explicado em citação no texto de Ferrano:

A história da universidade é também a história do movimento estudantil e de suas ocupações. Em nosso continente, a agenda da autonomia universitária, da gestão pela comunidade universitária e da docência livre foi apresentada pela primeira vez pelos estudantes na Universidade de Córdoba. (Carneiro; Braga; Bianchi, 2008, p. 25 *apud* Ferrano, 2011, p. 113)

Já nos anos 60 e 70, estes movimentos se tornaram mais fortes, se posicionando contra governos e políticas autoritárias que ocorriam nos países da região. Também nos anos 60, no Brasil, os estudos sobre o movimento estudantil influenciaram diretamente o início dos estudos da juventude (Mendonça, 2012).

Oferecendo um contexto mais atual sobre a atuação do movimento estudantil, mais especificamente de 2015 (ano das ocupações) até 2019 (último ano antes da pandemia do COVID-19), algumas das ações importantes neste cenário tão movimentado foram:

- Em 2015, as ocupações de mais de 200 escolas da rede estadual de ensino de São Paulo, contra a reorganização escolar;
- Em 2016, as ocupações do Centro Paula Souza (em São Paulo), contra o fechamento de salas de aula e por alimentação digna; ocupações de escolas da rede de Goiás, contra a privatização; ocupações nas escolas das redes do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Ceará, em apoio à greve de professores; ocupações no estado de Pernambuco, Paraná e no Distrito Federal, contra a PEC 241;
- Em 2019, atos e manifestações por todo o Brasil, contra os cortes de verbas (Souza, 2019).

As ocupações citadas entre outras movimentações políticas do ME se diferenciam em duas ondas, que traziam consigo origens e pautas distintas e que refletiam o contexto político brasileiro da época. A primeira onda teve como ponto central o posicionamento dos estudantes contra o avanço de governos estaduais que vinham com propostas neoliberais e tecnicistas para o sistema educacional. Já a segunda onda de ocupações teve como pauta principal a luta contra o corte de verbas massivo na pasta da educação, em um contexto do golpe institucional de 2016 e do governo interino de Michel Temer (Groppo, 2018).

Neste meio tempo, o movimento estudantil continuou atuando nas movimentações políticas nacionais, ainda organizado de formas mais tradicionais, mediado e direcionado pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Depois de 2013, como veremos, as formas de organização política se transformam, nascendo daí outras perspectivas para práticas ativistas e outros tipos de organização.

Diante deste contexto histórico e panorama conceitual, este trabalho busca compreender a atual situação do movimento estudantil da UFSCar, *Campus* Sorocaba. Em primeiro momento se fará um resgate da literatura já produzida sobre o tema, seguida da fundamentação teórica do

trabalho, que abordará temas como quem são os sujeitos do ME, quais são as peculiaridades do movimento e as preocupações e atuação do movimento estudantil contemporâneo.

O *Campus Sorocaba*, campo de estudo deste trabalho, é parte da Universidade Federal de São Carlos, fundada em 1968. O *campus* na cidade de Sorocaba foi implantado em 2006, localizado na rodovia João Leme dos Santos, que liga Sorocaba à cidade vizinha. O *Campus* oferece 14 cursos de graduação e possui dez programas de pós-graduação em diversas áreas, funcionando em todos os períodos. A cidade de Sorocaba tem mais de 700 mil habitantes, fica localizada no sudoeste do Estado de São Paulo, a cerca de 100 km de São Paulo.

Como resultados, esta pesquisa traz um estudo de caso: a ocupação de 2018 do *campus* Sorocaba, contra o aumento abusivo dos valores do Restaurante Universitário, com o objetivo de ilustrar a situação política daquele momento. Além disso, o trabalho também trará o ponto de vista dos estudantes da UFSCar atualmente sobre o movimento estudantil, tudo isso para, além de analisar de forma geral a atuação política dos estudantes, compreender os desdobramentos da pandemia para esta forma de organização.

As escolhas metodológicas desta pesquisa levaram em consideração, primeiramente, os aspectos subjetivos e abstratos advindos da pesquisa na área das ciências humanas, por isso, metodologia aplicada neste trabalho teve caráter qualitativo, sabendo que os resultados adquiridos não cabem em régua numérica, como colocam Silveira e Córdova:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (Silveira; Córdova, 2009, p. 32)

Este trabalho pretende traçar uma relação entre um passado recente, “pré-pandemia”, do Movimento Estudantil na UFSCar - sendo ilustrado pela ocupação de 2018 - e o atual momento do Movimento no *campus*. Para isto, o capítulo destinado aos resultados e discussões da pesquisa foi dividido em dois.

No primeiro subtópico, foram realizados levantamento e análise documental. As informações presentes neste subtópico são uma tentativa de resgate da narrativa de um momento significativo para o movimento estudantil na UFSCar (mais especificamente no *campus* Sorocaba), a ocupação do *campus* em 2018 contra o aumento do valor das refeições no Restaurante Universitário. Este resgate é uma reunião de documentos, selecionados com cautela, pensando nos limites encontrados na análise documental, como explica Cellard (2008, p. 296):

O pesquisador que trabalha com documentos deve superar vários obstáculos e desconfiar de inúmeras armadilhas, antes de estar em condição de fazer uma análise em profundidade de seu material. Em primeiro lugar, ele deve localizar os textos pertinentes e avaliar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade. O autor do documento conseguiu

reportar fielmente os fatos? Ou ele exprime mais as percepções de uma fração particular da população? Por outro lado, o pesquisador deve compreender adequadamente o sentido da mensagem e contentar-se com o que tiver à mão: fragmentos eventualmente, passagens difíceis de interpretar e repletas de termos e conceitos que lhe são estranhos e foram redigidos por um desconhecido, etc. É, portanto, em razão desses limites importantes, que o pesquisador terá de tomar um certo número de precauções prévias que lhe facilitarão a tarefa e serão, parcialmente, garantias da validade e da solidez de suas explicações.

Na tentativa de desviar dos limites impostos por este tipo de análise, os documentos explorados são uma reunião de registros de conselhos institucionais da Universidade, postagens da página do *Facebook* do Movimento Estudantil Organizado (UFSCar Pela Educação), *e-mails* informativos da Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade (InfoRede) disparados para toda a comunidade universitária na época do ocorrido e notícias de jornais *online*.

Outro motivo para a seleção destes documentos foi a ausência de mais documentação produzida pelo próprio Movimento Estudantil Organizado. Não foi possível, ao longo do trajeto desta pesquisa, acesso às atas e listas de presença das assembleias gerais ou outros tipos de registros oriundos do Movimento, exceto as postagens na página em rede social. Este ponto também é de reflexão: é de extrema importância repensar a forma de conservação dos registros do movimento estudantil, pois, ao tentar resgatar do passado as movimentações importantes, corremos o risco de ter a história sendo contada de apenas um ponto de vista (neste caso, o institucional, da Universidade, que mantém de forma sistemática os registros de suas reuniões e conselhos). Além disso, registros relacionados ao modo de se organizar podem ser de grande valia para aqueles que virão como frente do movimento no futuro, levando em consideração a característica da rotatividade dos militantes no movimento estudantil.

Para o desenvolvimento do segundo subtópico “A UFSCar hoje: o que os estudantes pensam?”, foi decidido o uso do questionário, como um canal de escuta do ponto de vista dos estudantes. O questionário foi criado de forma digital e divulgado em redes sociais e grupos de mensagens, com 11 questões abertas e fechadas (apêndice A). Sua divulgação foi feita através de uma imagem (figura 1) e de um breve texto explicando os temas principais abordados pela pesquisa.



Figura 1: Imagem de divulgação do questionário. Produção da própria autora.

O processo de abertura e divulgação do questionário aconteceu em pouco tempo – o questionário ficou disponível por pouco mais de um mês. Por conta do pouco tempo e da pouca aderência dos estudantes, o formulário recebeu o total de doze respostas.

O questionário, assim como qualquer ferramenta metodológica, possui seus limites e durante o trajeto desta pesquisa, me encontrei com eles. A distância entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa, por ser um questionário online, é um elemento importante para explicar a falta de interesse dos estudantes. Sabendo que o questionário em si já não é uma ferramenta que permite um aprofundamento tão grande da questão estudada e levando em conta as condições sob as quais este trabalho foi desenvolvido (de tempo, da modalidade online), as respostas recebidas serão analisadas como complemento (Minayo; Costa, 2018) para a discussão gerada pela questão norteadora deste trabalho: como (r)existe o movimento estudantil na UFSCar Sorocaba depois da pandemia do COVID-19?

2 O CAMPO DE ESTUDO E AS PRÁTICAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão bibliográfica do tema é um movimento fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, para compreender as nuances teóricas e conceituais e de que maneira o tema é abordado no campo científico. Nesta seção, usando de base e de apoio o estado do conhecimento sobre o movimento estudantil brasileiro, realizado por Aldimara Boutin e Simone Flach, e dados próprios de pesquisa, será traçado um panorama sobre as produções realizadas sobre Movimento Estudantil (teses e dissertações).

Em artigo, Boutin e Flach (2022) realizam, como já mencionado, um estado de conhecimento sobre o movimento estudantil brasileiro. Como base para a pesquisa, utilizaram a plataforma de dados Sucupira, para buscar trabalhos de pós-graduação – teses e dissertações – que tinham como tema o Movimento Estudantil, no intervalo temporal de 1987 a 2016. O panorama dado pelas pesquisadoras mostra maior incidência de pesquisas nos estados das regiões Sudeste e Sul do país, sendo a maior parte dos trabalhos encontrados oriundos da região Sudeste. Foram encontrados 34 trabalhos (31 dissertações e 3 teses), sendo a maior parte deles (18) pesquisas que buscaram reconstruir o cenário histórico do ME, dentro desta parcela, um terço dos trabalhos focaram no período da Ditadura Militar (1964-1985). 11 deles tinham como objetivo discorrer sobre o movimento estudantil contemporâneo e 4 falavam do ME sob a ótica de militantes. As autoras apontam para a carência de estudos sobre o tema e para a urgência de produção de pesquisas sobre o movimento estudantil em seu momento atual, dado que boa parte dos trabalhos encontrados são uma reconstrução histórica do movimento.

A fim de tornar este panorama mais completo foram realizadas buscas na Plataforma Sucupira, por teses e dissertações dentro do tema dos movimentos estudantis, desta vez referente ao período de 2017 a 2024. Com o objetivo de traçar um paralelo com o artigo estudado, as palavras utilizadas como descritores foram as mesmas, são elas “Movimento Estudantil”, “Participação estudantil”, “Participação discente” e “Movimentos sociais”.

Os resultados da pesquisa bibliográfica realizada mostram uma repetição dos padrões de localidade de onde saem os trabalhos produzidos. Foram encontradas 7 pesquisas, 4 dissertações e 3 teses, destas 7, 4 são produzidas na região Sudeste, 3 na região Sul e 1 na região Norte.

Em relação às formas de abordagem do tema, 5 dos trabalhos discorrem sobre o ME na ótica de militantes, 1 busca realizar uma reconstrução de um determinado período histórico e 1 debate o movimento estudantil contemporâneo. A abordagem mais recorrente, que utiliza a ótica de antigos

ou atuais militantes, possui duas pesquisas que buscam discorrer, mais especificamente, sobre as configurações subjetivas da participação política de militantes do ME, realizadas por Loiacono (2018) e Meira (2020), colaborando para o entendimento mais aprofundado do ponto de vista e do funcionamento desta forma de participação política do estudante. Dois outros trabalhos que buscam a ótica dos militantes para seu desenvolvimento utilizam como caminho um estudo de caso, Reis (2020) ao pesquisar as expressões do ME no *campus* Sertãozinho do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo e Camargo (2020) ao pesquisar sobre os significados dados pelos estudantes sobre o ME a partir das ocupações das escolas em 2015 e 2016. Ainda nesta primeira abordagem citada, Joadila Souza (2023) debate juventude, educação e participação política a partir das concepções de jovens universitários. Dentro da temática de reconstrução histórica, encontramos o trabalho de Gomes (2023), que debate gênero e ME ao reconstruir o período entre 1977 e 1985 do Movimento Estudantil Universitário no Rio Grande do Sul utilizando o recorte da participação feminina. Luiz Eduardo Souza (2021), em sua tese “Movimento Estudantil e escola: identificações da participação política de jovens estudantes no Colégio Pedro II”, olha para o ME contemporâneo para compreender as características e dimensões da participação política dos estudantes no movimento.

2.2 SUJEITOS, PECULIARIDADES E ATUAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

É parte importante deste desenrolar teórico identificar quem são os sujeitos e quais são as peculiaridades do movimento social objeto de estudo deste trabalho: o movimento estudantil. Em primeiro momento, gostaria de chamar a atenção para estes sujeitos enquanto parte de uma massa, representação de uma categoria de pessoas que não habitualmente estão nos “holofotes”, jovens, estudantes, mas que começam a ganhar, no campo das ciências sociais, certa visibilidade, como aponta Certeau:

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano de zooms destacam detalhes metomínicos - partes tomadas pelo todo. (Certeau, 1998, p. 57)

O movimento estudantil aqui será analisado como um movimento juvenil, já que é majoritariamente constituído por este público. Mesquita (2003) discute sobre esta participação da juventude no movimento, identificando este espaço como uma oportunidade importante de participação e protagonismo dos jovens, já que o movimento funciona como canal de representação

e de voz para o anúncio e denúncia das pautas juvenis, além de ser um espaço de trocas de experiências e convivência entre seus participantes,.

Ao compreender o espaço do movimento estudantil como um espaço constituído (em sua maior parte) por jovens, se torna necessário compreender também qual é a perspectiva de juventude que embasa este trabalho. A ótica aplicada aqui não contempla uma visão tradicional e negativa da juventude, como um problema, ou melhor, como principais causadores e protagonistas de problemas sociais (como a questão das drogas, delinquência, questões da escola, etc) (Pais, 1990). Contempla, no entanto, uma visão sobre os jovens como sujeitos plurais, de direitos, que “[...] se apropriam do social e reelaboram práticas, valores, normas e visões de mundo a partir de uma representação dos seus interesses e de suas necessidades; interpretam e dão sentido ao seu mundo.” (Dayrell; Carrano, 2014, p. 104). Com base nisso, e devido a forma não é possível enxergar a juventude de outra forma senão como uma categoria heterogênea, diversa, e que se transforma ao longo da história, como juventudes (Spósito, 1999).

Ao pensar no lugar do jovem nos movimentos sociais, aponta-se uma certa falta de interesse dos jovens na política e um engajamento supostamente menor do que as gerações anteriores. De fato, a juventude muitas vezes se afasta de temas políticos por conta de uma abordagem um tanto “careta”, o que ao mesmo tempo entra em contradição com um sentimento da busca por reconhecimento (Mendonça, 2012). Brenner (2011) nos mostra que, muito pelo contrário do que é sugerido, as gerações mais jovens não apenas são engajadas, mas de uma forma completamente diferente da forma de engajamento dos anos das políticas autoritárias.

Mesmo sendo compreendido como um movimento juvenil, o movimento estudantil carrega algumas peculiaridades em relação a outros movimentos sociais organizados, fazendo com que também haja participação de pessoas de diferentes idades. Não acabam por aí as singularidades: a transitoriedade e a diversidade de seus participantes (de idade, como já dito, de gênero, de etnias) caracterizam fortemente o ME (Peres, 2018). Por estas características, e por ser, assim como todo movimento da sociedade, um movimento histórico, que acompanha as ideias e ideais de sua época, é que falamos de movimentos estudantis, no plural, pois se constroem na diversidade dos contextos sociais, históricos, de seus sujeitos e suas demandas (Mesquita, 2003).

O movimento estudantil brasileiro, desde o século XX, tem participação importante nos acontecimentos políticos do país, como no movimento “o petróleo é nosso”, na década de 40, no “caras pintadas”, em 1992, e no período ditatorial de 1964 e 1985, dado como o momento mais marcante da trajetória do ME. Como é possível observar pelos exemplos citados, o movimento dos estudantes toma como pauta e lutas próprias questões que ultrapassam a esfera educacional, debatendo questões políticas e sociais mais amplas (Peres, 2018; Mesquita, 2003). Peres ainda

afirma que, mesmo com pautas voltadas ao campo educacional/à necessidade dos estudantes, as conquistas do ME acabam por favorecer também outras parcelas da população, como por exemplo a conquista linhas de ônibus em Chapecó, que foi uma pauta inicialmente voltada aos estudantes, mas que acaba por atingir outras pessoas que também usam transporte público.

Mesquita (2003) explica também que, além de pautas políticas mais amplas, a influência de Novos Movimentos Sociais faz com que o Movimento Estudantil também acolha novas pautas relacionadas ao meio ambiente, à cultura e a minorias.

Mesmo havendo participação ativa do ME em grandes eventos políticos, Costa (2004), em sua análise do ME contemporâneo, chama a atenção para um maior engajamento dos estudantes em pautas mais específicas e locais do que em pautas mais amplas:

A abordagem de problemas mais específicos de uma determinada realidade estudantil é considerada mais importante pelos estudantes do que os temas mais gerais, o que pode ser atribuído a uma insuficiente compreensão dos estudantes sobre a relação direta entre as questões locais e as nacionais, atreladas à política do país, fato que também representa uma dificuldade no ME: “*demonstrar a relação entre os problemas específicos da universidade e a política nacional*” (representante estudantil 1 – UFPE). (Costa, 2004, p. 189)

Esta insuficiente compreensão sobre as dimensões macro e micro da sociedade pode estar atribuída à distância entre o movimento estudantil e o estudante, grande preocupação do ME, nos dias de hoje. Esta distância está associada, entre outros fatores, à influência de partidos políticos nas organizações de estudantes (como a União Nacional dos Estudantes – UNE, colocada aqui em destaque) e a uma certa sobreposição das pautas dos partidos sobre as pautas estudantis.

A União Nacional dos Estudantes, fundada em 1938, é uma peça fundamental para a análise do movimento estudantil no Brasil. Em todos os movimentos políticos em que o ME teve participação, sua bandeira maior foi a UNE. A entidade funciona como a principal frente política dos estudantes no país, porém sofre críticas sobre se de fato representa os jovens brasileiros, já que sofre grande influência de partidos políticos.

A questão da UNE e a influência de partidos políticos é discutida já em 1999, no 46º Congresso da União Nacional dos Estudantes, por militantes de diversas Universidades e frentes políticas que já expressavam descontentamento e indicavam uma “crise” no movimento estudantil. Estes estudantes questionavam se a presença de partidos políticos na entidade aproximava ou distanciava os jovens do movimento e se levantava a necessidade de uma “reestruturação”, acusando a União de uma postura engessada e altamente influenciada pelos partidos (a partir do “aparelhamento das entidades”), influência esta do partido que se apropria da agenda do ME com as pautas da própria agenda (Mesquita, 2003).

Costa (2004), ao debater as preocupações do ME, também aponta para a influência dos partidos como principal causadora da pouca adesão de estudantes ao movimento. Aponta ainda para

esta “briga de bandeiras” como fator histórico no ME, problema que se repete (ou se mantém) ao longo dos anos, um padrão na história do movimento. Em relatos, estudantes se queixam de que a UNE não conhece os jovens e suas demandas, pois, como já dito, acaba focando nas pautas políticas mais amplas e na agenda dos partidos. Mesmo aqueles que fazem parte de entidades partidarizadas criticam a liderança da UNE que é de um mesmo partido há mais de 30 anos.

Apesar desse distanciamento causado pela influência dos partidos políticos nas frentes estudantis organizadas, outras formas de se organizar foram praticadas nos últimos anos, como as ocupações das escolas estaduais da rede de ensino paulista, em 2015. Esta nova forma de se organizar se mostra mais independente, no sentido de vínculos com grupos organizados de formas mais tradicionais¹.

A nova forma de organização (que também estará presente na ocupação da UFSCar, em 2018) pode ser explicada se olharmos para o contexto de indignação global e onda de protestos em nível mundial nos anos 2010, iniciado pela Primavera Árabe, e tendo efeito no Brasil com as jornadas de protestos de 2013 e seus efeitos sociais e culturais, dentre eles, inovações nas lógicas de mobilização, práticas e expressividades dos movimentos sociais em geral (Pleyers; Bringel, 2015). O período mencionado deixa como resquício a possibilidade e dá legitimidade a um “movimento sem bandeiras”, expressando a crescente desconfiança em relação às organizações. Características provenientes deste pensamento também são observadas no movimento estudantil, como será mostrado ao discorrer sobre a ocupação do *campus* de Sorocaba da UFSCar, por exemplo.

¹ Cf. ACABOU a paz, isto aqui vai virar o Chile [por] Carlos Pronzato. 2016. 1 vídeo (60:00 min). Publicado por Libreflix. Disponível em: <https://libreflix.org/i/acabou-a-paz>. Acesso em: 24 nov. 2025.

3 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UFSCAR SOROCABA

3.1 UMA TENTATIVA DE RESGATE: A OCUPAÇÃO DE 2018

Para iniciar esta narrativa, um contexto geral: o ano de 2018 foi um período marcado por cortes nos orçamentos das universidades públicas do país. Em 2017, quando encaminhada ao Congresso a proposta orçamentária referente ao próximo ano, parlamentares e representantes de universidades públicas já criticavam as baixas no orçamento, comparado a anos anteriores. Falava-se, inclusive, de uma “crise nas instituições públicas de ensino superior do País” e já eram previstas as consequências dos cortes orçamentários para o funcionamento das instituições².

Entre 23 e 26 de fevereiro de 2018 é aprovada em Conselho Universitário (ConsUni) a Proposta Orçamentária para o ano vigente, prevendo reduções orçamentárias de quase 3 milhões de reais em “Outros Serviços de Terceiros PJ” tendo como sub-elemento de despesas o fornecimento de alimentação. Não consta em nenhuma das atas da reunião a presença de representantes discentes, apenas de docentes e técnicos administrativos³. No final abril, através do Ato Administrativo de número 384 aprovado em reunião do Conselho de Administração, são reajustados os valores das refeições dos Restaurantes Universitários de todos os *campi* em cerca de 122% (de R\$1,80 para R\$4,00 no valor da refeição). O reajuste valeria para alunos de graduação e pós-graduação que não eram contemplados pelo Programa de Assistência Estudantil ou que não fizessem parte daqueles considerados de baixa renda de acordo com os critérios da Universidade (grupos 1 e 2 de ingresso)⁴. No início de maio, dia 3, os alunos e a comunidade universitária foram informados do reajuste por meio de correio eletrônico, pelo canal “InfoRede” de comunicação. No e-mail enviado não haviam grandes justificativas para o aumento, apenas trechos que diziam que a razão dos reajustes seriam “para garantir funcionamento” ou “com o objetivo de garantir a manutenção do serviço de alimentação”⁵.

O primeiro registro encontrado sobre o início da ocupação foi uma notícia de um portal de notícias⁶, o texto conta com o ponto de vista do Diretório Central dos Estudantes (DCE), principal

² HAJE, Lara. Universidades criticam cortes para ensino superior no Orçamento de 2018. **Agenda Câmara Notícias**, Brasília, 21 nov. 2017. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/527834-universidades-criticam-cortes-para-ensino-superior-no-orcamento-de-2018/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

³ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Conselho Universitário. **Sinopse das deliberações da 231ª reunião ordinária, realizada em 23/02/2018 com continuidade em 26/02/2018.**

⁴ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Conselho de Administração. **Deliberação da 4ª sessão da 44ª Reunião Ordinária do CoAd realizada em 27/04/2018.**

⁵ INFOREDE. **Para garantir funcionamento, CoAd aprova reajuste no valor das refeições nos restaurantes universitários da UFSCar.** Destinatário: Lista de membros da comunidade universitária da UFSCar. Sorocaba: UFSCar, 03 mai. 2018. 1 mensagem eletrônica.

⁶ ALUNOS da UFSCar ocupam prédios e paralisam aulas após reajuste de 120% no valor das refeições. **G1 Sorocaba e Jundiáí**, Sorocaba, 08 mai. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/alunos-da-ufscar->

frente de representação estudantil da Universidade, de um aluno não identificado e de uma nota publicada pela reitoria. Quanto à visão dos estudantes, o DCE informa sobre a suspensão das aulas junto ao movimento de ocupação e o estudante entrevistado fala sobre o descontentamento dos alunos com a abordagem da Universidade em relação ao reajuste. As informações vindas da reitoria reforçavam a necessidade da medida para a manutenção do serviço de alimentação e que a medida não valeria para aqueles considerados de baixa renda.

É importante abrir parênteses sobre as notas divulgadas pela UFSCar na íntegra. Em seu Trabalho de Conclusão de Curso, onde a Mércia Santana Mathias fala sobre o sentido da arte no Movimento de Ocupação de 2018, a autora insere algumas imagens de informes divulgados no Diário da Reitoria sobre a ocupação, porém estes informes não são mais encontrados, nem pelos links do trabalho de Mércia, nem ao pesquisar no portal oficial da UFSCar. No portal do Boletim da Reitoria, inclusive, não se encontra nenhuma notícia referente a 2018 (figura 2). Também no portal online da Coordenadora de Comunicação Social só é possível encontrar notícias referentes ao período de 2021 em diante.

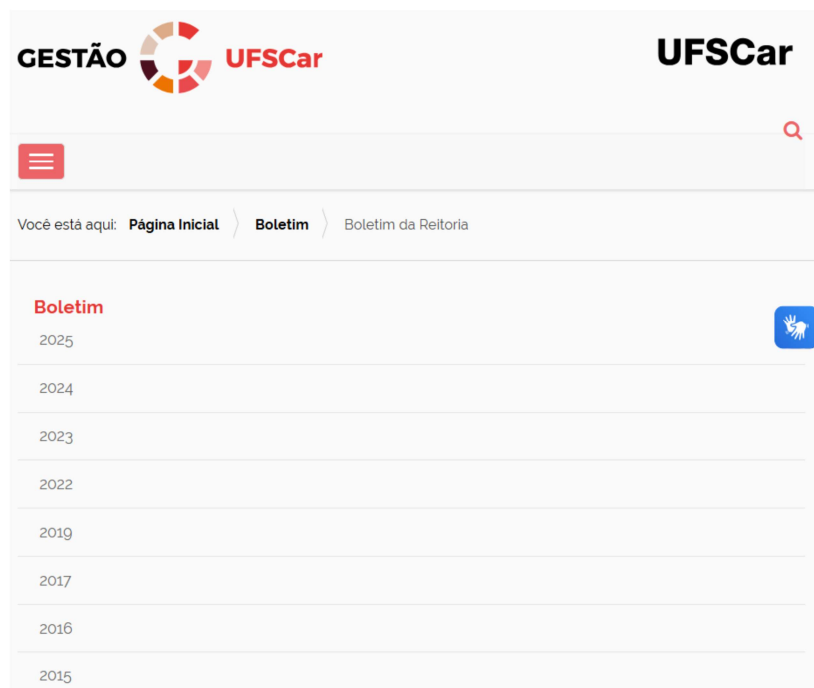


Figura 2: Portal de notícias Boletim da Reitoria da UFSCar. Não consta nenhum registro do ano de 2018. Disponível em: <https://www.gestao.ufscar.br/pt-br/boletim/boletim-da-reitoria>. Acesso em: 24 nov. 2025.

Por conta desta falta de informações nos portais oficiais é que foi necessário o uso dos e-mails recebidos pela comunidade universitária como documentos de análise para este trabalho, para que fosse possível traçar um cenário mais completo dos acontecimentos narrados.

No dia 09 de maio de 2018, a reitoria envia uma nota para a comunidade universitária com o título “Democracia e respeito aos direitos”. Nessa nota, a reitoria relata bloqueio de entradas e bloqueios de prédios de aula no *campus* Sorocaba e entende a manifestação dos estudantes como “um atentado contra a democracia”. Além disso, reforça que a decisão sobre os reajustes nos valores da alimentação foi tomada de forma democrática nos Conselhos (ConsUni e CoAd) – mesmo sem a participação discente nas reuniões. No texto, se deixa claro que as ações do Movimento Estudantil Organizado são consideradas antidemocráticas e uma violação dos direitos de ir e vir dos estudantes e funcionários da Universidade. Não é mencionado no e-mail qualquer movimentação de diálogo do Movimento para tomar a decisão de ocupar, como por exemplo a realização de assembleia geral⁷. O texto foi uma tentativa clara de desmoralização do movimento de ocupação, com trechos que sugeriam de forma insistente que o movimento estava agindo de forma antidemocrática e violando direitos de outros membros da comunidade universitária (figura 3).

[InfoRede] Nota da Reitoria: Democracia e respeito aos direitos

De Inforede via Gradsor <gradsor@inforede.ufscar.br>
 Data Qua, 09/05/2018 12:42
 Para gradsor@inforede.ufscar.br <gradsor@inforede.ufscar.br>
 Cc Inforede <inforede@comunicacao.ufscar.br>

Comunicado



Nota da Reitoria: Democracia e respeito aos direitos

- (1) Você considera válido defender suas ideias constringendo pessoas ou, ainda, impedindo pessoas de exercerem seus direitos?
- (2) Como você se sentiria se alguém simplesmente o impedisse de trabalhar, estudar ou fazer o que você gosta, com a justificativa de defender suas ideias?
- (3) Como você se sentiria se uma decisão democrática, pela qual você lutou, fosse desrespeitada e sabotada por um grupo que pensa diferente de você?
- (4) Você acha aceitável passar por cima da democracia, por não concordar com uma decisão tomada democraticamente?

Figura 3: Nota da Reitoria. Acervo da própria autora.

Em resposta à nota da reitoria, o MEO publicou em sua rede social no dia 11 de maio um texto onde se aponta a falta de transparência da reitoria em relação aos dados orçamentários da

⁷ INFOREDE. **Nota da reitoria: Democracia e respeito aos direitos**. Destinatário: Lista de membros da comunidade universitária da UFSCar. Sorocaba: UFSCar, 09 mai. 2018. 1 mensagem eletrônica.

Universidade e a falta de participação discente nas reuniões decisivas. Também se faz uma crítica ao fato de que a instituição destinou a tarefa de decidir sobre o reajuste dos valores das refeições para o Conselho de Administração, já que é um conselho destinado a assuntos de ordem administrativa e orçamentária, descartando o fator humano que permeia o assunto da alimentação. O texto reafirma que o movimento de ocupação não é um movimento isolado, mas construído por estudantes organizados e articulados, e cita a abrangência estadual do movimento, pois no *campus* de São Carlos o prédio da reitoria havia também sido ocupado contra o reajuste, também reafirma que nenhum funcionário ou aluno foi agredido ou maltratado durante as movimentações. A nota é assinada por “Movimento Contra o Aumento do RU”, sem a presença de outras organizações ou bandeiras⁸.

Ao longo da ocupação, são divulgadas algumas outras notas pela reitoria, em todas elas é possível encontrar uma tentativa de criminalização e desmobilização do movimento de ocupação. Ainda no dia 11 de maio, a nota divulgada cita a ocupação da reitoria em São Carlos e coloca como prejuízos e riscos a não realização de pagamentos pela Universidade, inclusive de bolsas e o risco da perda de participação de editais que estavam em andamento. Ao falar da reivindicação dos estudantes, a reitoria coloca as pautas como vagas e muito amplas, e também aponta para a falta de assinaturas nas pautas de reivindicação e a falta de informações sobre a aprovação das pautas em assembleia. A nota é finalizada com um convite para que a comunidade lute unida, dando a impressão de um convite também à desocupação dos prédios⁹. Em relato sobre a desocupação do prédio da reitoria em São Carlos e a situação no *campus* Sorocaba, divulgado em nota no dia 14 de maio, a reitoria relata a reintegração de posse realizada em São Carlos pela Polícia Federal, conta que a ocupação em Sorocaba seguia e solicita que os estudantes desocupem os prédios, também relata que uma proposta havia sido feita pela reitoria de incluir mais alunos nas categorias que continuariam a pagar R\$1,80 no R.U.¹⁰. No dia 18 do mesmo mês, a reitoria divulgou outra de suas notas, atualizando sobre a ocupação em Sorocaba, nesta nota fala sobre reuniões sendo realizadas com o MEO e sobre a presença do vice-reitor no *campus*¹¹. Em 21 de maio, a reitoria discorre em nota sobre “aprimoramento da convivência democrática”, onde levanta pontos sobre o processo de diálogo com o Movimento, como “desrespeito” e “comunicação violenta” e propõe um “Pacto

⁸ UFSCAR PELA EDUCAÇÃO. **Resposta a nota da Reitoria: Democracia e respeito aos direitos.** Sorocaba, 10 mai. 2018. Facebook: UFSCar Pela Educação@ufscarpelaeducacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

⁹ INFOREDE. **Informe sobre ocupação da Reitoria e de prédios no Campus Sorocaba da UFSCar.** Destinatário: Lista de membros da comunidade universitária da UFSCar. Sorocaba: UFSCar, 11 mai. 2018. 1 mensagem eletrônica.

¹⁰ INFOREDE. **Relato sobre desocupação do prédio da Reitoria e situação no Campus Sorocaba.** Destinatário: Lista de membros da comunidade universitária da UFSCar. Sorocaba: UFSCar, 14 mai. 2018. 1 mensagem eletrônica.

¹¹ INFOREDE. **Nota da Reitoria: Atualização sobre a ocupação do Campus Sorocaba.** Destinatário: Lista de membros da comunidade universitária da UFSCar. Sorocaba: UFSCar, 18 mai. 2018. 1 mensagem eletrônica.

Institucional para Aprimoramento da Convivência Democrática”, que consistia na desocupação imediata dos prédios em Sorocaba, reunião com os alunos de São Carlos que ocuparam a reitoria, debate sobre o Pacto proposto e a possibilidade de ter o tema do reajuste do R.U. como pauta no ConsUni, caso necessário, seguindo os pilares de permanência estudantil e equilíbrio orçamentário¹².

De outro lado, o Movimento Estudantil Organizado seguia organizado. Ao longo do mês de maio, o movimento de ocupação ganhou força e apoio de outros setores. No dia 12, o MEO posta em sua página uma nota de reivindicação ao cancelamento da 232ª Reunião do ConsUni¹³, onde foi aprovada a proposta orçamentária, nesta nota assinam o Movimento Estudantil Organizado, Centros Acadêmicos de diversos cursos da UFSCar e também de outras instituições como a Universidade de São Paulo (USP) e a Federal de Minas Gerais (UFMG) entre outras, coletivos de diferentes frentes, Diretórios Centrais de Estudantes de diversas instituições públicas de ensino superior, Atléticas, entre outros órgãos compostos por estudantes. No dia 13, o Movimento divulgou uma carta em resposta à proposta feita pela reitoria de incluir mais estudantes nas categorias que pagariam menos pelas refeições, a nota nega a proposta sob a demanda de realização de um novo ConsUni. No mesmo dia, também é publicado na página da rede social um balanço da ocupação, no texto o MEO reafirma a reivindicação da revisão da proposta orçamentária para que a permanência estudantil sofresse menos danos e frisa que a decisão da ocupação foi tomada coletivamente, em assembleia geral, no dia 3 de maio. A carta também ressalta que o movimento de ocupação foi realizado sempre com respeito aos trabalhadores do *campus* e a outros membros da comunidade universitária¹⁴.

Outros órgãos demonstraram apoio a ocupação, como o Conselho do Departamento de Ciências Humanas e Educação que aprovou moção em apoio e solidariedade à luta do movimento estudantil, reforçando que o movimento de ocupação até então se caracterizada como “[...] uma manifestação democrática, coletiva, decidida em assembleias com ampla participação dos estudantes, articuladas pelos próprios órgão estudantis de representação [...]”. A moção foi aprovada na 62ª Reunião Ordinária do Conselho do Departamento, no dia 10 de maio¹⁵. Em 18 de

¹² INFOREDE. **Nota da Reitoria: Aprimoramento da convivência democrática.** Destinatário: Lista de membros da comunidade universitária da UFSCar. Sorocaba: UFSCar, 21 mai. 2018. 1 mensagem eletrônica.

¹³ UFSCAR PELA EDUCAÇÃO. **Nota de reivindicação ao cancelamento do ConsUni.** Sorocaba, 12 mai. 2018. Facebook: UFSCar Pela Educação@ufscarpelaeducacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

¹⁴ UFSCAR PELA EDUCAÇÃO. **Carta em resposta à proposta da negociação da reitoria.** Sorocaba, 13 mai. 2018. Facebook: UFSCar Pela Educação@ufscarpelaeducacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

¹⁵ UFSCAR PELA EDUCAÇÃO. **Moção de apoio do DCHE ao movimento estudantil.** Sorocaba, 14 mai. 2018. Facebook: UFSCar Pela Educação@ufscarpelaeducacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

maio, um grupo de docentes da UFSCar publicou uma carta aberta, com o objetivo de apresentar a versão dos acontecimentos sob a ótica dos professores. A carta chamou atenção para o processo de aprovação do reajuste e suas características antidemocráticas e também para as narrativas enviesadas vindas da gestão da Universidade. A carta é assinada por mais de 250 professores de diversos Centros e Departamentos¹⁶.

Em relação à forma de atuação, ao longo do tempo, os estudantes decidem sobre a ocupação e desocupação de prédios específicos do *campus* é feita, de acordo com decisões estratégicas tomadas em assembleias ou negociações com a gestão da UFSCar. As assembleias gerais eram realizadas todos os dias (figura 4) e tinham boa aderência dos alunos (figura 5), também havia programação cultural e aulas públicas organizadas pelo MEO.

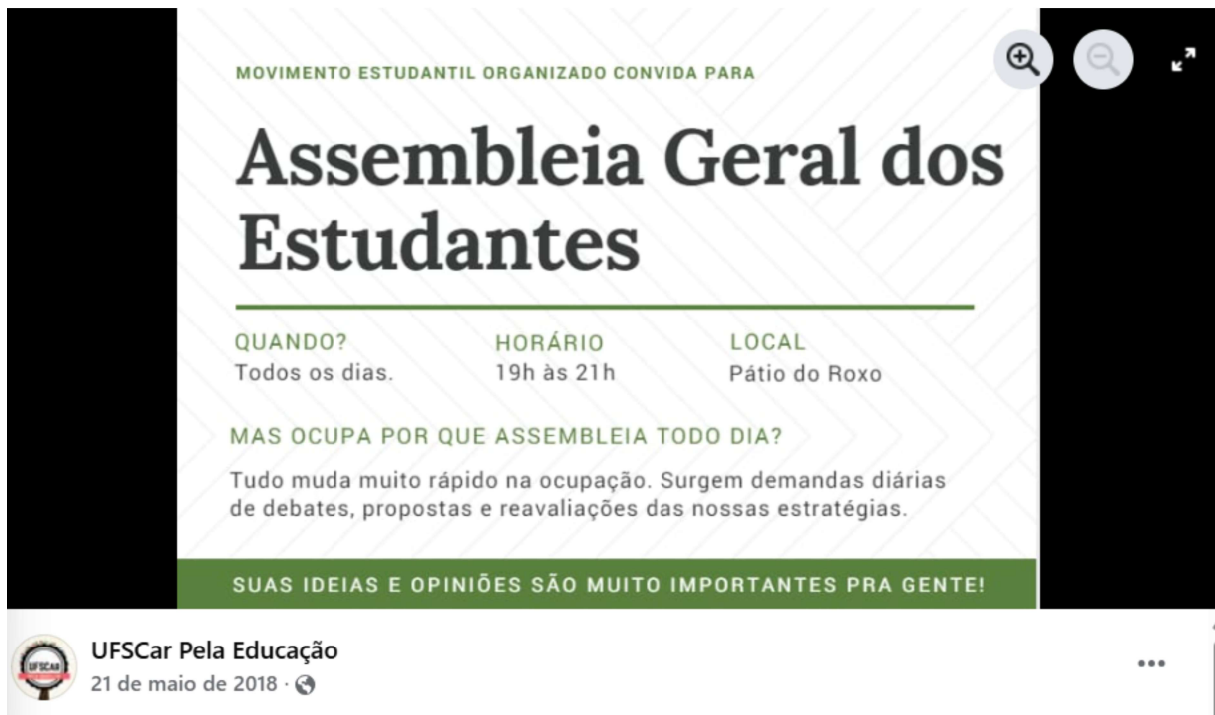



Figura 4: Postagem do Facebook de divulgação de Assembleias durante a ocupação. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

¹⁶ UFSCAR PELA EDUCAÇÃO. **Carta aberta à comunidade da UFSCar**. Sorocaba, 18 mai. 2018. Facebook: UFSCar Pela Educação@ufscarpelaeducacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.




UFSCar Pela Educação
 15 de maio de 2018 · Sorocaba, São Paulo · 🌐
 Assembleia Geral dos Estudantes - 14/05/2018

O movimento estudantil organizado só cresce, mais de 420 participantes na assembleia. Força, juntos venceremos!!!

Figura 5: Postagem do Facebook do MEO com fotografia de uma das Assembleias Gerais. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

No fim do mês de maio o MEO convoca um ato para o dia 28, no centro de Sorocaba, contra o aumento do R.U. e pela permanência estudantil na Universidade (figura 6). O ato teve 434 pessoas confirmadas no evento em rede social, porém não se sabe ao certo quantas pessoas estavam presentes.



Figura 6: Fotografia do ato puxado pelo MEO. Imagem publicada no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

A gestão da Universidade só iniciou de fato um diálogo em busca de negociação no fim do mês de maio, no dia 29 a reitoria divulgou uma nota relatando sobre o início das negociações. Neste texto, mais uma vez a reitoria pede que os prédios sejam desocupados mas dá indícios de que a reivindicação dos estudantes pelo ConsUni seria atendida¹⁷. No dia 5 de junho, a reitoria convoca uma reunião geral no *campus* Sorocaba para a tarde do próximo dia para tratar de propostas de encerramento da ocupação, calendário para reposição de atividades acadêmicas e propostas quanto ao preço das refeições do Restaurante¹⁸. Não há registros sobre essa reunião.

O Conselho Universitário para tratar das questões da ocupação finalmente ocorreu, em quatro sessões, nos dias 08, 11, 13 e 15 de junho. A primeira sessão aconteceu um dia antes de se completar um mês desde o início da ocupação no *campus*. Nas duas primeiras sessões foram discutidos especificamente os temas da ocupação e o valor do R.U., na sessão do dia 11 a reitoria suspende temporariamente o reajuste e decide sobre a formação de uma comissão técnica para analisar e rever a proposta orçamentária daquele ano. No terceiro encontro a comissão é formada por professores, estudantes e técnicos administrativos. Também neste encontro é acordada a desocupação dos prédios e a retomada das aulas no dia 18 do mesmo mês. Na quarta e última sessão a discussão girou em torno do episódio de reintegração de posse no *campus* de São Carlos e como encaminhamento foi recomendado à Procuradoria Federal e à UFSCar que se desistisse da ação que indiciou sete estudantes participantes da ocupação do prédio da reitoria¹⁹.

Para debater sobre a ocupação da reitoria em São Carlos, mais especificamente sobre a atuação da Polícia Militar na Universidade foi convocada outra reunião extraordinária do ConsUni. De acordo com os registros do Conselho, a reunião que era para acontecer no dia 6 de julho não ocorreu por falta de quorum. No registro analisado consta que uma nova data seria marcada para a discussão, mas não há registros da nova data e tampouco de que o debate sobre o tema tenha sido realizado em algum momento²⁰.

¹⁷ INFOREDE. **Nota da Reitoria: Negociações visando a desocupação no Campus Sorocaba.** Destinatário: Lista de membros da comunidade universitária da UFSCar. Sorocaba: UFSCar, 29 mai. 2018. 1 mensagem eletrônica.

¹⁸ INFOREDE. **Reitoria convoca reunião geral no Campus Sorocaba.** Destinatário: Lista de membros da comunidade universitária da UFSCar. Sorocaba: UFSCar, 05 jun. 2018. 1 mensagem eletrônica.

¹⁹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Conselho Universitário. **Sinopse da Reunião Extraordinária, realizada em 08/06/2018.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Conselho Universitário. **Sinopse da Reunião Extraordinária, 2ª Sessão, realizada em 11/06/2018.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Conselho Universitário. **Sinopse da Reunião Extraordinária, 3ª Sessão, realizada em 13/06/2018.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Conselho Universitário. **Sinopse da Reunião Extraordinária, 4ª Sessão, realizada em 15/06/2018.**

²⁰ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Conselho Universitário. **Sinopse da Reunião Extraordinária, 06/07/2018.**

No mesmo dia da decisão (11) o MEO posta em sua rede social a suspensão do reajuste, como “vitória dos estudantes”²¹. No dia seguinte, o canal InfoRede divulgou também a informação da suspensão e das outras decisões tomadas no último Conselho. No dia 12 de setembro de 2018, são fixados os novos valores das refeições do Restaurante Universitário, com aumento consideravelmente menor, por meio de Ato Administrativo de número 400, aprovado em Conselho Universitário.

O movimento da ocupação de 2018 nos ensina muitas coisas sobre a capacidade de articulação política dos estudantes e sobre a força de transformação do movimento estudantil. A busca por narrar esse evento neste Trabalho de Conclusão de Curso não é ingênua ou sem razão: é para que a capacidade de articulação e força de transformação dos estudantes e do movimento estudantil não sejam esquecidas e muito menos subestimadas, nem pelas instituições e nem pelos próprios sujeitos dessa luta.

A ocupação de 2018 foi utilizada como forma de ilustrar o contexto do movimento estudantil na UFSCar Sorocaba antes da pandemia. Ainda em 2019 é possível observar, na página em rede social, atividades desenvolvidas pelos estudantes do Movimento Estudantil Organizado, como rodas de conversa sobre o contexto político da época.

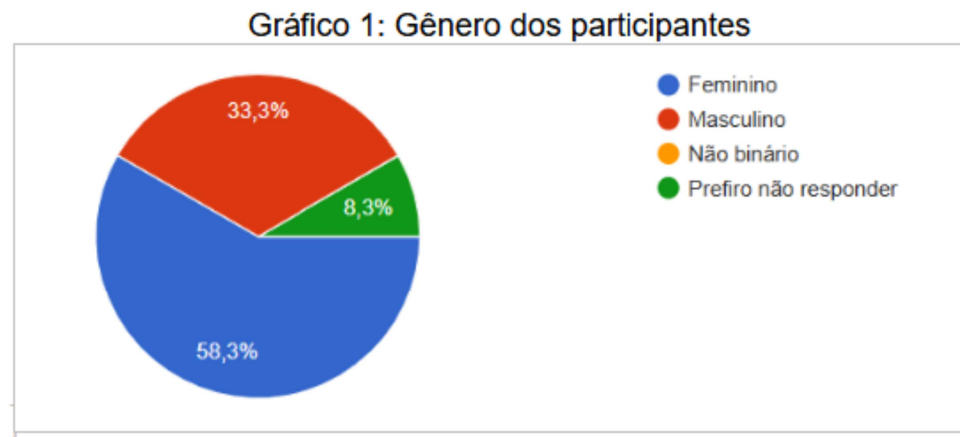
3.2 A UFSCAR HOJE: O QUE OS ESTUDANTES PENSAM?

A análise realizada aqui tem como base as respostas recebidas no formulário eletrônico disponibilizado em redes sociais para os atuais estudantes do *campus* Sorocaba da UFSCar. O objetivo é analisar a visão dos alunos sobre o movimento estudantil, sua importância e o desenrolar da pandemia do COVID-19 para este tipo de organização, levando em conta aspectos como ano de ingresso e o contato ou não dos participantes da pesquisa com o movimento estudantil antes da entrada na UFSCar. As hipóteses levantadas envolvem pensar em como o contato com o movimento secundarista, por exemplo, pode influenciar nas movimentações políticas dentro da Universidade, já que a pandemia tornou remoto os últimos anos escolares de muitos que agora são universitários, impossibilitando a organização política desses jovens.

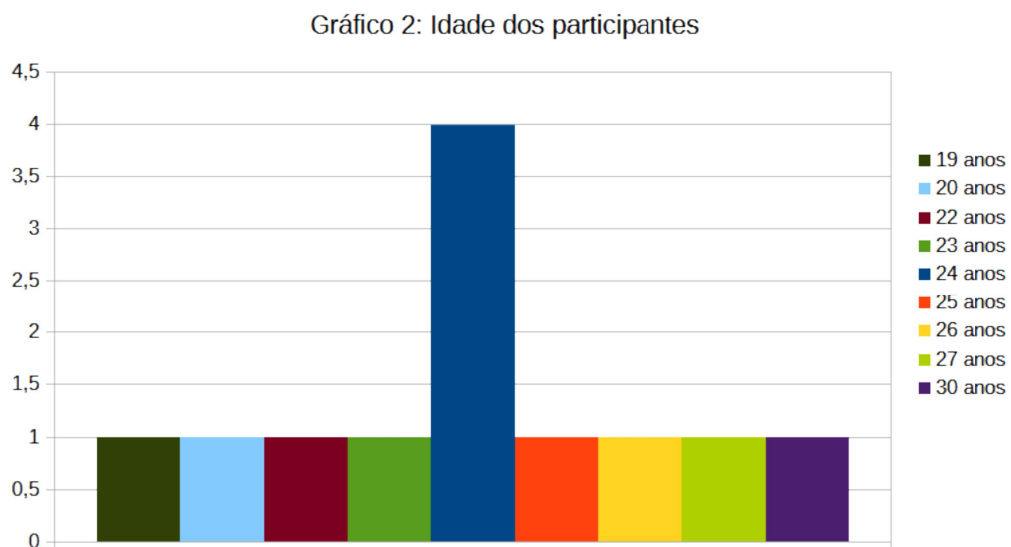
Para traçar um perfil dos participantes, o formulário contou com questões relacionadas ao gênero, idade e ano de ingresso daqueles que responderam. Nos gráficos a seguir é possível observar a predominância do gênero feminino, com 58,3% das respostas (gráfico 1). No gráfico 2,

²¹ UFSCAR PELA EDUCAÇÃO. **Vitória dos estudantes!** Sorocaba, 11 jun. 2018. Facebook: UFSCar Pela Educação@ufscarpelaeducacao. Disponível em: <https://www.facebook.com/ufscarpelaeducacao/posts/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

percebemos uma certa diversidade na idade dos participantes entre 19 e 30 anos, ou seja, jovens. Ainda na idade, a maior parte daqueles que responderam o questionário tinham 24 anos.

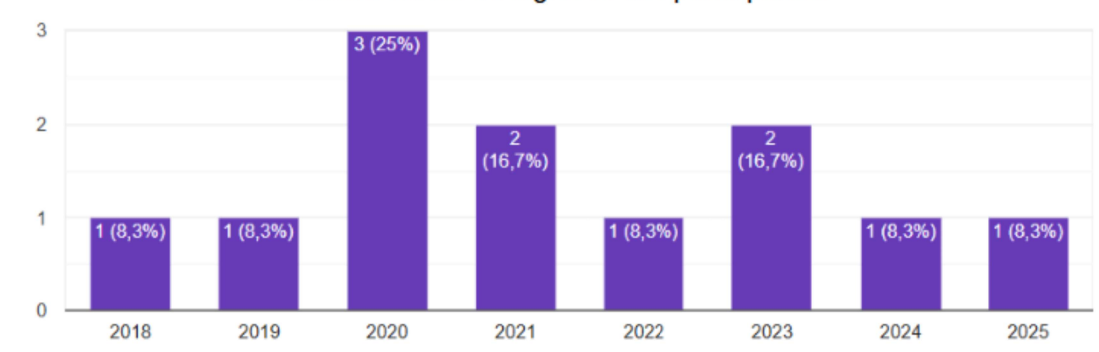


Produção da própria autora.



Produção da própria autora.

Gráfico 3: Ano de ingresso dos participantes



Produção da própria autora.

Ao olhar para o ano de ingresso dos participantes (gráfico 3), apenas dois estudantes ingressaram na UFScar antes da pandemia, as outras dez respostas são de alunos que ingressaram na Universidade a partir de 2020, sete deles ingressaram após 2020 (1º ano da pandemia), cruzando as informações de idade com as de ano de ingresso, é possível concluir que parte destes estudantes viveram um período de sua vida escolar dentro do contexto da pandemia, o que colabora para a análise das consequências deste acontecimento.

Ao definir o que é o movimento estudantil, a maior parte das respostas citaram como função principal do movimento estudantil a luta pela garantia de direitos dos estudantes (aproximadamente 58% das respostas). Outro ponto muito levantado foi a dimensão coletiva do movimento, as palavras “mobilização” e “organização (política, estudantil)” foram usadas de forma recorrente para descrever o conceito trabalhado. Em duas das respostas o movimento é colocado como ferramenta de representação estudantil e participação política dos estudantes, em outra resposta, o estudante aponta para a função de formação política exercida por este tipo de organização dos estudantes. Centros Acadêmicos (CAs) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE) foram citados em algumas respostas como canais de mobilização da classe discente.

Em relação ao contato com o movimento estudantil antes do ingresso na UFScar, 50% dos estudantes responderam que já haviam tido contato com o movimento e 50% responderam que não. A maior parte dos que relataram ter tido contato com o movimento estudantil relataram este contato no ensino médio, através da participação no grêmio estudantil ou outros grupos, apenas um participante respondeu ter tido contato com o movimento estudantil em outra Universidade. Destes participantes, todos ingressaram na UFScar até no máximo 2021.

Daqueles que não tiveram contato, quase a totalidade dos estudantes ingressaram na UFScar a partir de 2022, apenas uma respostas constava o ano de 2020 como ano de ingresso. O que se

pode concluir é que os estudantes que entraram depois da pandemia (ou seja, passaram os últimos anos escolares em ensino remoto) não têm qualquer tipo de experiência com o movimento estudantil antes do ingresso na UFSCar para relatar, diferentemente daqueles que, mesmo tendo entrado na UFSCar durante a pandemia, tiveram os últimos anos escolares de forma regular, presencial e sem ainda os impactos do cenário pandêmico.

No que diz respeito ao contato com o movimento estudantil na UFSCar, atividades dos Centros Acadêmicos e organização das Semanas dos Cursos (eventos acadêmicos organizados pelos estudantes de cada curso, uma vez ao ano) foram citadas. Um ponto interessante levantado neste tópico foi a presença das organizações estudantis (CA's e DCE) apenas nos momentos eleitorais, como nos relatos:

Hoje em dia quase não há movimentação estudantil na ufscar, o pouco que vejo são coisas pontuais, pedindo votos para eleição do DCE ou criando caravanas para aumentar o número de votos nos eventos da UNE, são momentos pontuais que não tem relevância prática.

Em nenhum lugar [percebe-se a atuação do movimento estudantil]. O máximo que eu fico sabendo é quando tem eleição, aí as chapas aparecem e depois que a eleição acontece todo mundo some. Inclusive o maior contato que eu tive com o movimento estudantil na UFSCar foi por conta disso.

As menções a frentes estudantis organizadas que não fazem parte da estrutura institucional da Universidade (CAs e DCE) foram em relação ao Movimento Universidade Popular (MUP) - duas respostas - e sobre as caravanas para eventos da UNE, como consta no relato acima.

A análise dos desdobramentos do período da pandemia para o movimento estudantil feita pelos participantes perpassa diversos pontos, como o individualismo e a falta de engajamento provocados pelo isolamento social. Apenas em uma das respostas o participante dizia não saber sobre as consequências do período pandêmico para o movimento estudantil, em outra resposta o participante também dizia que não sabia, mas em seu desenvolvimento acaba apontando para possíveis consequências. Os demais participantes concordaram que a pandemia influenciou nas ações do movimento estudantil.

Os participantes da pesquisa, ao responder de que forma a pandemia do COVID-19 afetou a ação do movimento estudantil, falam sobre a falta de engajamento, interesse político e senso de coletividade dos estudantes, apontando para o individualismo como uma consequência geral do isolamento social, não apenas para a organização política mas também para participação discente em outras atividades da Universidade que não sejam as disciplinas e atividades regulares.

Em respostas um pouco mais aprofundadas, os estudantes discorrem sobre a falta do sentimento de pertencimento e de desconexão dos alunos com a Universidade. Algumas respostas levantaram pontos sobre a ascensão da extrema direita e sobre como isto também pode ter

contribuído para a pouca movimentação do movimento estudantil. Dois participantes falaram sobre a questão da “passagem de conhecimento” de militantes para os ingressantes da Universidade, uma das respostas em específico, ergue o debate sobre este ponto:

[...] antes da pandemia havia uma mobilização muito maior, acredito que em parte seja pela pandemia ter impossibilitado o contato entre estudantes, muitos entraram na UFSCar sem ter tido contato com o movimento no ensino médio e os alunos antigos, veteranos, não tiveram o momento de “passagem” de conhecimento, essa hereditariedade que é passada quando se entra na universidade e conhece os movimentos, as pautas, vira membro ativo de um CA (ou pelo menos participa dos debates para votação), a pandemia quebrou este vínculo.

Ao falar sobre o impacto da pandemia na saúde mental de jovens universitários, o trabalho de Gundim *et. al.* (2021) também discorre sobre a quebra de vínculo gerada por este momento. De acordo com seu trabalho, as mudanças da dinâmica acadêmica e social dos jovens afetam diretamente na saúde mental dos universitários, por fatores como “[...] a quebra da rotina acadêmica, o afastamento de amigos e colegas, a preocupação com o atraso de atividades [...] (Gundim *et. al.*, 2011, p. 11)”. Em dissertação, Evelyn Carvalho (2024), fala sobre a falta do senso de pertencimento dos estudantes que ingressaram na Universidade durante a pandemia, causada pela ausência dos ritos de passagem e das interações cotidianas.

Esta “quebra” causada pelo período do COVID-19 pode ser observada especialmente no movimento estudantil ao fazer uma passagem pelas últimas movimentações políticas dos movimentos sociais. A partir das Jornadas de 2013, como já discutido, a forma de ativismo se transforma e a luta por meio de mobilizações sobre diversas pautas ganham mais força, ocorre neste momento uma “politização da vida cotidiana” (Pleyers; Bringel, 2015). Em 2015 ocorrem as ocupações das escolas da rede estadual de São Paulo e outras ações como esta em outros lugares do Brasil, em anos posteriores. No *campus* Sorocaba da UFSCar, em 2018 acontece a ocupação, o que mostra a forte aderência e disposição dos estudantes na participação no movimento estudantil. Em evento sobre os 10 anos das ocupações, na Universidade de São Paulo²², o ex-integrante do movimento de ocupação, Igor Miranda, da ocupação da Escola Estadual Fernão Dias Paes, explica sobre a importância das trocas entre os militantes que participaram das diferentes ações deste período:

[...] [os jovens das ocupações de 2015] era um grupo de estudantes que começou a se organizar, viu que não tinha voz e manteve um espaço de disputa, até conceber novas formas de organização. Muito pela experiência de 2013, de ex-militantes sentavam e conversavam com a gente, sempre nessa experiência de trocar ideias e propor formas que a gente pudesse se organizar por conta [...].

²² SEMINÁRIO 10 ANOS DE OCUPAÇÕES: ATIVISMOS, ESCOLA PÚBLICA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO, 2025, São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 10 nov. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aDgd7A38BLw&t=12040s>. Acesso em: 24 nov. 2025.

Depois destes anos seguidos de forte movimentação política, o intervalo imposto pela pandemia faz um “buraco” na linha temporal da ação e organização política dos estudantes. Neste meio tempo, antigos militantes saíam da Universidade enquanto novos entravam, sem uma referência de como se organizar.

As últimas questões contidas no questionário são a respeito da importância do movimento estudantil. Neste tópico, 11 dos 12 participantes da pesquisa responderam que consideram o movimento muito importante, apenas um respondeu que acha o movimento pouco importante.

Nas justificativas, os estudantes abordaram funções do movimento estudantil como a luta pela garantia de direitos, a formação política e a representação dos estudantes. A participação nesta forma de organização política é vista como ferramenta importante para que os estudantes possam lutar pelas demandas da classe e garantir direitos de qualidade e permanência universitária. Nesse sentido, o movimento estudantil também é visto como um “canal de voz” dos estudantes, espaço onde é possível levantar críticas e que serve como representação da categoria. Algumas respostas colocam como fundamental o papel exercido pelo movimento, dando o sentido de que se não houver movimentação e representação dos estudantes pelos estudante, as demandas não poderão ser atendidas:

[...] Acho que o que leva alguém ao movimento é esse sentimento de indignação e o prezar pelo coletivo, mas se ele não for alimentado constantemente, a indignação morre entalada na garganta. Por isso eu acho o movimento estudantil muito importante: ele tem esse trabalho de fazer a indignação não morrer entalada na garganta. Ela precisa ser colocada para fora aos berros para ser resolvida.

Outro ponto levantado foi o caráter formativo do movimento. De acordo com alguns participantes, a atuação no movimento estudantil está atrelada à formação política dos integrantes - assim como, em contrapartida, em questão anterior a baixa aderência dos estudantes ao movimento foi atrelada à baixa formação/consciência política. Este aspecto formativo do movimento é inclusive abordado em bibliografia, como parte da experiência em movimentos de ocupação, por exemplo (Ferrano, 2011; Souza, 2019).

Algumas críticas também foram tecidas à atuação do movimento, estas críticas estão relacionadas à influência de entidades estudantis (geralmente vinculadas a partidos políticos) na gestão do DCE que acabam por colocar pautas mais amplas acima de pautas mais específicas relacionadas a UFSCar em específico, este ponto não é novo entre militantes do movimento e é levantado também em outras pesquisas, como nas entrevistas realizadas com estudantes no 46º Congresso da UNE em 1999, que também apontavam para a problemática deste aparelhamento das entidades (Mesquita, 2003).

Outra crítica, a mais recorrente, diz respeito aos poucos resultados obtidos pelo movimento. O estudante que marcou como “pouco importante” a atuação do movimento estudantil justificou sua resposta com o argumento de que não vê “melhoria concreta” obtida pelo movimento. Outros estudantes também passaram por este ponto, mas sem tirar a importância da atuação, colocando o aspecto como uma dificuldade:

Ninguém faz pela gente, isso é óbvio. Precisamos ir atrás, e não é fácil, e sinto que por isso muita gente não tem uma participação mais ativa. É trabalhoso, mesmo a partir desses relatos eu também não tenho tanta paciência. O retorno é pouco, é complicado. [...]

A lógica de resultados presente nesta última crítica não deixa de ser válida, mas desconsidera toda a dimensão formativa da participação do movimento. A tentativa de medir a qualidade do movimento através das “melhorias concretas” deixa de lado outros aspectos. Em fala sobre a participação nas ocupações em evento na USP, Gabriela Marina, ex-militante da ocupação da Escola Estadual Antonio Padilha, em Sorocaba, fala sobre o peso da experiência para a sua formação como um todo:

[...] A ocupação mudou as nossas vidas, de um jeito ou de outro, realmente nos construiu enquanto indivíduos. Para mim, eu digo que foi a grande decisão que eu precisei tomar na minha vida, e se eu “tô” aqui hoje estudando na USP é porque eu decidi ocupar 10 anos atrás.

Este relato mostra a potência de transformação do movimento estudantil em dimensões outras que não apenas resultados concretos, que podem ser medidos ou vistos a olho nu. O movimento dos estudantes aparece como parte importante da trajetória de quem fez parte de sua atuação, o senso do coletivo, a consciência política, o sentimento de pertencimento causados acompanham os sujeitos e compõem parte importante de suas jornadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do COVID-19, junto a movimentos e um governo de extrema direita, deixou diversas marcas em diferentes dimensões de nossas vidas. Para o movimento estudantil significou um “buraco”, uma quebra de vínculo. A lógica individualista e a falta de senso do coletivo contribuiu para a não continuidade na atuação do movimento e esta não continuidade, por sua vez, também alimenta o individualismo.

A relação com o conhecimento traz mais complexidade para o cenário: a ausência de ex-militantes que teriam a função de “passar o bastão” para os novos ingressados faz com que as novas gerações não tenham contato com noções importantes de como se organizar, porque se organizar, por quais canais e mais importante, com a noção de que *podemos* nos organizar.

O contato com o movimento estudantil dá lugar a esta outra dimensão da instituição educativa que vai para além das salas de aula, dos conteúdos previstos, das disciplinas obrigatórias, a noção de pertencimento construída enquanto militante coloca a Universidade como espaço de troca, de criação de vínculo e de produção de um conhecimento que foge da lógica acadêmica. O movimento estudantil funciona para os estudantes como espaço de encantamento, mesmo dentro de um espaço institucionalizado e formal,

Nesse sentido, o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário. Daí o encanto ser uma pulsação que rasga o humano para lhe transformar em bicho, vento, olho d’água, pedra de rio e grão de areia. O encanto pluraliza o ser, o descentraliza, o evidenciando como algo que jamais será total, mas sim ecológico e inacabado. (Simas; Rufino, 2020)

O uso do termo encantamento aqui vai neste sentido, de compreender a Universidade para além de seus processos formais e burocráticos. Compreender esta instituição por sua dimensão humana, espaço que reúne pessoas, que proporciona trocas. Deixo este trabalho como um convite: a se reencantar, com as relações, com a potência de transformação do coletivo, com as possibilidades que nascem da - e apenas da - luta coletiva.

REFERÊNCIAS

- BOUTIN, Aldimara Catarina Brito Delabona; FLACH, Simone de Fátima. O Estado do conhecimento sobre Movimento Estudantil brasileiro no campo da educação. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 62, p. 1-16, jul./set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n62.16977>. Acesso em: 24. nov. 2025.
- BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BRINGEL, Breno; PLEYERS, Geoffrey. Junho de 2013... dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo no Brasil. **Nueva Sociedad**, p. 4-17, out. 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2078.1/172074>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- CARVALHO, Evelyn Dantas Andrade. **“Está todo mundo muito mal”**: exaustão em universitários. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.
- CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean. **A pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 295-316.
- CERTEAU, Michel de. Uma cultura muito ordinária. *In*: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 57-108.
- COSTA, Carla de Sant’Ana Brandão. **Movimento Estudantil Contemporâneo**: uma análise compreensiva das suas formas de atuação. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: quem é esse aluno que chega à escola. *In*: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (orgs.). **Juventude e Ensino Médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-134.
- FERRANO, Karina Perin. **Movimento estudantil, gestão democrática e autonomia na Universidade**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.
- GOHN, Maria da Gloria Marcondes. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, mai./ago. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDckCRVp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 abr. 2026.
- GOHN, Maria da Gloria Marcondes. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 166 p.
- GROPPO, Luís Antonio. O novo ciclo de ações coletivas juvenis no Brasil. *In*: COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luís Antonio. (orgs.). **O movimento de ocupações estudantis no Brasil**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 85-118.

GUNDIM, Vivian Andrade, *et. al.* Saúde mental em estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. **Revista baiana de enfermagem**, v. 35, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/37293>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MATHIAS, Mércia Santana. **O sentido da arte no movimento estudantil de ocupação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus de Sorocaba em 2018**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022.

MENDONÇA, Viviane Melo De. Movimentos estudantis e da juventude: propostas, articulação e desafios para as ações coletivas na região de Sorocaba. *In*: MARTINS, Marcos Francisco. (org.). **História dos movimentos sociais na região de Sorocaba: origens, conquistas e desafios**. Holambra: Editora Setembro, 2012. p. 279-290.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 66, p. 117-149, out. 2003. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1151>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, n. 40, p. 11-20, abr./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle40.01>. Acesso em: 24 nov. 2025.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, v. XXV, p. 139-165, 1990.

PERES, Vinícius de Almeida. O movimento estudantil enquanto força de transformação local: a história oral como um caminho de pesquisa. *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SC, 17., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: UNIVILLE, 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020. 32 p.

SOUZA, Roseli Trevisan Marques De. **A reorganização e as ocupações das escolas da rede pública de ensino paulista, em 2015: um registro de memória**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SPÓSITO, Marília Pontes. Educação e juventude. **Educação em Revista**, v. 15, n. 29, p. 7-13, jun. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/42664>. Acesso em: 30 abr. 2026.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

Pesquisa - O "buraco" da pandemia: consequências da pandemia do COVID- 19 para o movimento estudantil na UFSCar, *campus* Sorocaba

Este questionário é parte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Pedagogia da UFSCar, *campus* Sorocaba. A pesquisa tem como um de seus objetivos compreender os efeitos da pandemia para o movimento estudantil no *campus*, através de questionário e análise de bibliografia, levando em consideração a importância dos estudos dos movimentos sociais e, por consequência, do movimento estudantil, dado que são movimentos que possuem influência direta na garantia de direitos e construção de identidades sociais dos sujeitos.

Deste modo, as respostas obtidas a partir deste questionário servirão como material de análise para compreender as impressões dos estudantes sobre o movimento estudantil da Universidade atualmente.

Todas as informações disponibilizadas ficarão anônimas.

Informações de contato:

Aluna: Rafaela Oliveira

Email: rafaelaamo@estudante.ufscar.br

Orientadora: Prof^a Dr^a Vanda Aparecida da Silva (Departamento de Ciências Humanas e Educação)

Email: vandasilva@ufscar.br

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com a Resolução nº 510/2016 - Declaro que compreendi os objetivos da pesquisa e dou consentimento para o uso das informações disponibilizadas aqui em sua realização. *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

2. Em que ano você ingressou na UFSCar? *

3. Qual é o seu curso e período? *

4. Qual é a sua idade? *

5. Qual é o seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Não binário
- Prefiro não responder

6. O que você entende por movimento estudantil? *

7. Você já teve contato com o movimento estudantil antes de ingressar na UFSCar? Se sim, de que forma? *

8. Você já teve contato com o movimento estudantil na UFSCar? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

9. Em quais espaços ou em que momentos você percebe a atuação do movimento estudantil na UFSCar atualmente? *

10. Você acha que a pandemia do COVID-19 influenciou na ação do movimento estudantil? Se sim, de que forma? *

11. Como você classificaria a importância do movimento estudantil para a Universidade? *

Marcar apenas uma oval.

Nada importante

Pouco importante

Muito importante

12. Justifique a sua resposta da questão anterior. *
